

**Gramaticalização de verbos:
o verbo ‘esperar’ no Português Popular Carioca e no Português Culto Paulistano**

Elaine Cristina Silva SANTOS¹

Resumo

Entende-se por gramaticalização a passagem de um item lexical para um item gramatical, ou de um menos gramatical para um mais gramatical. Vinculando este trabalho ao arcabouço teórico da Gramaticalização numa abordagem funcionalista, discutimos a mudança lingüística empreendida pelo verbo ‘*esperar*’ até alcançar seu padrão funcional de marcador discursivo-conversacional sob forma da expressão ‘*espera aí*’. Como ponto de partida, elegemos uma amostra do falar culto paulista a partir de materiais provenientes do acervo CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História – FFLCH-USP), da midiateca do IEA (Instituto de Estudos Avançados-USP) e de entrevistas já organizadas pela equipe do Projeto NURC/SP (Projeto Norma Urbana Culta de São Paulo). Evidenciamos o papel discursivo do interlocutor como gatilho para a emergência do padrão funcional mais inovador. Esta dissertação vincula-se ao Grupo de Pesquisa “Mudança Gramatical do Português – Gramaticalização” (CNPq-USP).

PALAVRAS-CHAVE: *verbo(s); funcionalismo; marcadores discursivo-conversacionais; gramaticalização.*

1- USP; Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas; Departamento de Filologia e Língua Portuguesa; Rua Bom Pastor, 1010, ap. 93; 04203001; São Paulo; São Paulo; Brasil; elacris@usp.br.

INTRODUÇÃO

Tendo o Funcionalismo Lingüístico como apoio teórico, em especial no que diz respeito aos paradigmas da gramaticalização e à mudança lingüística, procedemos ao estudo do verbo ‘*esperar*’ e às formas de sua expressão, em especial à utilizada como marcador discursivo ‘*espera aí*’.

Tendo em vista que essa expressão é recorrente na fala, utilizamos o corpus PEUL/RJ (Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua), do Português Popular Carioca e os *corpora*, do Português Culto Paulistano, CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História/FFLCH-USP), IEA/USP (Instituto de Estudos Avançados) e os materiais organizados pelo Projeto NURC/SP (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo).

O ponto central do trabalho diz respeito ao funcionamento do verbo ‘*esperar*’ e da expressão ‘*espera aí*’ no que tange ao movimento de mudança em seu estatuto categorial, propriedade manifestada como pertinente ao processo de gramaticalização. Esse processo define-se como a passagem de um item lexical para um item gramatical, ou de um menos gramatical para um mais gramatical, ou ainda algo mais concreto para um menos concreto (cf. MEILLET, 1965; HEINE *et al*, 1991; HOPPER e TRAUGOTT, 1993).

Manifestado no comportamento do verbo ‘*esperar*’ e da expressão ‘*espera aí*’, o processo de gramaticalização orienta especialmente a formulação de nossas principais questões e hipóteses. Também orienta a discussão que fazemos em torno de marcadores discursivos e dos vários significados de usos de tal expressão, denunciados pelas funções de

‘esclarecer’, ‘retificar’, ‘preencher pausas’, dentre outras, caracterizadas pela expansão semântica associada à forma em estudo.

GRAMATICALIZAÇÃO

O processo de gramaticalização é um dos meios para se explicarem fenômenos em mudança lingüística. Quando assumimos a característica da dinamicidade da língua, pressupomos o seu intenso processo de mudança, seja pelos vários usos ou pelo próprio sistema gramatical.

Nesta seção definimos gramaticalização de acordo com a visão de diferentes autores. São eles: MEILLET ([1912], 1965), HEINE *et al* (1991), HOPPER e TRAUGOTT (1993).

A gramaticalização é um processo que pode ser entendido como a passagem de itens lexicais que designam entidades, ações, qualidades, como nomes, verbos, para itens gramaticais, sendo que estes serviriam para organizar os elementos lexicais do discurso. Preposições, conectores, pronomes são exemplos de elementos gramaticais, os quais, originados de elementos lexicais, assumiram um novo *status* como categorial gramatical.

Meillet ([1912], 1965), um dos precursores da teoria moderna da gramaticalização, afirma que esta se dá através de um *continuum*, ou seja, há uma passagem de itens lexicais a gramaticais. Segundo esse autor, a gramaticalização é a passagem de uma palavra autônoma para o papel de um elemento gramatical, constituindo-se num dos principais processos de mudança lingüística.

De acordo com Heine *et al* (1991), a motivação para esse processo nasce tanto por conta das necessidades da comunicação não serem saciadas pelas formas já existentes, quanto devido à existência de conteúdos cognitivos para os quais não se encontra ou por ser difícil encontrar um termo adequado. Vale ressaltar que o surgimento de novas formas gramaticais motiva-se a partir do desenvolvimento de estruturas velhas e que são funcionalmente equivalentes.

Hopper e Traugott (1993) definem a gramaticalização “como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a desempenhar funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. Itens lingüísticos são divididos em três categorias por esses dois autores: **Categoria maior** [nome, verbo, pronome] > **Categoria mediana** [adjetivo, advérbio] > **Categoria menor** [preposição, conjunção].

Perguntamo-nos se as classes de palavras seriam o meio mais eficiente de se depreender todos os tipos de mudança explicáveis por gramaticalização, já que em trabalhos anteriores a este, como o de Lima-Hernandes (2007)¹, itens não necessariamente mudam de classe de palavras para empreender um processo de gramaticalização.

De qualquer modo, no processo de gramaticalização, os elementos discursivos não adquirem apenas características sintáticas que o diferenciam dos verbos, substantivos etc., mas também adquirem traços semânticos, “que se relacionam menos com o mundo do qual se está falando e mais com a organização do falante sobre aquele mundo no ato de fala”. (TRAUGOTT, *apud* HEINE *et al*, 1991).

¹ A autora se refere ao item *tipo*, que, mesmo mantendo-se vinculado à classe de palavras *substantivo*, passou por um processo de gramaticalização que o levou a tornar-se de substantivo nomeador a substantivo classificador.

Em lingüística funcional, a gramática é vista, de forma geral, sob a ótica da *emergência*. Vem de Hopper (1987) a noção de gramática emergente, ou seja, uma gramática que não é estável nem fechada. Pelo contrário, é aberta, passível de mudança e substancialmente afetada pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia. Desse modo, toda regularidade encontrada em um feixe de tempo é provisória e sempre sujeita à renovação e ao abandono, o que gera continuamente fórmulas inovadoras.

A gramática emergente, portanto, está sempre ancorada na forma concreta específica de um enunciado e ganha seus contornos no discurso, mediante as experiências dos falantes em suas trocas comunicativas (HOPPER, 1987). Dada justamente essa noção de emergência da gramática, sustentáculo da visão funcionalista que considera inovações e mudanças inerentes à idéia de estrutura, podemos apresentar, então, alguns conceitos de gramaticalização, em lingüística funcional, aos quais subjazem noções de variação e de mudança :

- Para Heine *et al* (1991) → existe gramaticalização quando uma unidade lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical.
- Para Hopper e Traugott (1993) → a gramaticalização é o processo por meio do qual itens e construções lexicais, em um determinado contexto lingüístico, desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.
- Para Traugott e Heine (1991) → a gramaticalização é um tipo de mudança lingüística sujeita a certos processos gerais e mecanismos de mudanças, caracterizada por certas conseqüências, como, por exemplo, a mudança na gramática.

- Para Bybee e Hopper (2001) → a gramaticalização é o mecanismo pelo qual as estruturas emergem a partir da língua em situação de uso.

Cumpramos, ainda, os cinco princípios propostos por Hopper (1991), *Estratificação, Divergência, Decategorização, Especialização e Persistência*, capazes de auxiliar a identificar quais dentre as regularidades emergentes a cada período de tempo são candidatas a estarem na gramática da língua e de diagnosticar diferentes graus de gramaticalização se ela já é um processo reconhecido. Esses princípios equivaleriam aos estágios de gramaticalização de itens/estruturas.

Temos consciência de que *princípios* referem-se a sustentáculos teóricos enquanto *estágios* remetem a fases de desenvolvimento num determinado processo. Ainda assim, não questionaremos aqui a adequação do rótulo adotado por Hopper.

GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS

Tendo em vista que já existe uma literatura específica para a gramaticalização de itens verbais, nesta seção reunimos algumas dessas informações aplicando-as ao comportamento do verbo sob análise, a fim de especificar alguns de seus valores gramaticais e seu escalonamento em termos de grau de gramaticalização.

Percebe-se que, os verbos, em sua gramaticalização, seguem geralmente uma das seguintes cadeias de estágios, em que o ponto de interrogação sugere a necessidade de se

pesquisar se o verbo de ligação passa para os estágios seguintes (cf. TRAVAGLIA, 2007, 2003):

- Verbo Pleno > (forma perifrástica: verbos semi-auxiliares / auxiliares) > verbo de ligação ou verbo funcional > aglutinação (clítico > afixo)
- Verbo Pleno > forma perifrástica (verbos semi-auxiliares / auxiliares) > aglutinação (clítico > afixo).

Heine (1993:58-66 *apud* TRAVAGLIA, 2007:18-21) também propõe sete estágios para a gramaticalização de verbos. Para Heine, nos diferentes estágios de gramaticalização, os verbos podem ser resumidamente classificados assim:

a) *Estágio 1: É o estágio das fontes concretas, em que os verbos têm seu significado lexical pleno e seus objetos referem-se tipicamente a um objeto concreto.*

(01) “João *espera* o metrô na estação”. (Sem Referência /SR)

b) *Estágio 2: Neste estágio o verbo começa a se tornar auxiliar. O “complemento” do verbo é uma situação dinâmica preferencialmente a uma entidade da natureza dos objetos concretos. Para Heine, neste estágio, os itens em gramaticalização se associam sempre (“estão em grupo”) com itens que são inequivocamente classificados como verbos. Os itens neste estágio têm as seguintes características: podem ter tanto complementos nominais quanto estar associados a complementos representados por verbos não-finitos (formas nominais); a identidade de sujeitos dos dois verbos associados não é um requisito obrigatório; o complemento do verbo não precisa ser apenas de um tipo de construção, na verdade podem aparecer diferentes tipos de construção em concorrência, tais como infinitivo, o gerúndio ou o particípio; o complemento do verbo pode também ser uma oração com verbo finito.*

(02) “Eu **espero** que você saia”. (SR)

c) *Estágio 3: Neste estágio o SN sujeito pode ter referentes não-humanos / com vontade própria (“willful”) porque as restrições de seleção tendem a ser eliminadas e os verbos passam a expressar funções “formulaicas” (eu diria antes gramaticais) como as de tempo, modo ou aspecto. O verbo pode tomar como complemento um verbo cognato.*

(03) “Maria **tem que esperar** muito pra conquistar o campeonato”. (SR)

d) *Estágio 4: Neste estágio os verbos em gramaticalização poderiam ser chamados de “defectivos” (embora não o sejam), porque sua característica mais marcante é o fato de terem se decategorizado e apresentarem por isto as seguintes características: perdem sua possibilidade de formar imperativos, de ser nominalizados ou se apassivar; não são mais associados com nomes que funcionam como núcleos de seus complementos; associam-se a apenas uma forma nominal (não-finita) na formação de perífrases.*

(04) “Eu **espero continuar** morando aqui por mais tempo”. (SR)

e) *Estágio 5: Neste estágio os verbos em gramaticalização tendem a apresentar as seguintes características: ser vistos como pertencendo a outra classe que não a de verbo; perder a possibilidade de ser negado separadamente; perder a possibilidade de ocorrer em outras posições na oração; ser um híbrido com algumas características de verbo que ficaram e com características de marcador gramatical; podem ser cliticizados e/ou sofrer erosão, perdendo o status de palavra e substância fonológica e/ou a morfologia de nominalização e/ou adverbial do complemento é erodida. O verbo ‘**esperar**’ especificamente sinaliza uma interrupção para assalto ao turno ou para uma solicitação. Nesses casos, mantém-se formalmente íntegro, com realização fônica de todas as suas sílabas, seguido por uma pausa marcada:*

(05) “**Espera!** Você não disse que ia à padaria?” (SR)

(06) “**Espera**, não estou entendendo...” (SR)

f) *Estágio 6: Neste estágio o verbo em gramaticalização: perde as características verbais remanescentes e se torna um elemento gramatical firmemente estabelecido morfológica e sintaticamente; seu “complemento” passa a ser interpretado como verbo principal; o verbo passa de clítico para afixo e geralmente é visto como clítico/ partícula ou como afixo; mantém ainda resíduos que permitem identificar a estrutura de origem.*

g) *Estágio 7: Este é o estágio final da gramaticalização do verbo que perde qualquer característica verbal e se torna um marcador gramatical puro com a forma de um afixo flexional sem tom ou acento próprios distintivos. O outro verbo da locução perdeu completamente qualquer traço de morfologia de nominalização ou adverbial, sendo visto como um verbo pleno.*

Tendo em vista que os estágios F e G não se apresentam como fases possíveis de gramaticalização do verbo ‘*esperar*’, estabelecemos um estágio próprio desse verbo, o estágio 8, conforme segue.

h) *Estágio 8: Este é o estágio em que o verbo, motivado pelo seu estágio anterior de interferência na fala do interlocutor, no estágio E, passa a sinalizar uma interferência não mais na fala, mas na condução tópica ou subtópica adotada pelo interlocutor. Assume, assim, uma função de marcador discursivo-conversacional de oposição (sub)tópica. Já não é realizado em sua forma integral, sofrendo erosão fônica, contudo, mantendo a pausa marcada subsequente:*

(07) “Ana, vê pra mim o recibo! **pera aí**, ... eu mesma verei isso”. (SR)

Para Heine (1993), nos diferentes estágios de gramaticalização, os verbos podem ser assim classificados (considerando a variação terminológica que pode haver):

a) nos estágios 1 e 2: lexemas, verbos plenos;

- b) no estágio 3: quase-auxiliares, semi-auxiliares, concatenativos;
- c) nos estágios 4 e 5: auxiliares;
- d) no estágio 6: auxiliares ou afixos;
- e) no estágio 7: afixos ou flexões.

Ainda conforme Travaglia (2007: 18-21), a proposta de estágios de Heine se aplica mais diretamente e são mais pertinentes para verbos que se gramaticalizam via a formação de construções perisfrásticas, mas não para outras vias de gramaticalização de verbos como a que leva um verbo a se tornar um verbo funcional de ligação ou que funciona como marcador temporal, marcador de relevância, marcador conversacional, operador argumentativo entre outros.

O verbo *‘esperar’* diverge, portanto, do encaminhamento de mudança descrito por Heine, uma vez que, provavelmente derivado de contextos situacionais, empreende uma rota de mudança discursiva.

É pertinente deixar claro que os estágios não são estanques, porque, em função do gradualismo na gramaticalização, os verbos podem apresentar num dado momento de análise, características de mais de um estágio ou mesmo não precisando passar por todos os estágios, podendo seu processo de gramaticalização não chegar a alcançar o último estágio ou, como demonstramos como o verbo *‘esperar’*, assumir rota distinta.

O PORTUGUÊS POPULAR CARIOCA

Com o objetivo de clarear a pertinência dos propósitos deste trabalho acerca da mudança gramatical do verbo ‘*esperar*’, procedemos a uma incursão sobre o tema por meio do estudo, primeiramente, baseando-se na amostra de Recontato (Amostra 00) do PEUL.

Os resultados identificados no estudo são agrupados em termos de suas CLASSES/FUNÇÕES, que chamamos neste estudo de padrões funcionais, o que refletiria os deslizamentos funcionais organizados em camadas de uso do verbo ‘*esperar*’ coexistindo: verbo pleno, verbo auxiliar, marcador discursivo.

A) CATEGORIA DE VERBO PLENO

a) ***Esperar 1***: verbo pleno, parafraseável por *aguardar, torcer para, aguardar no tempo desejando que algo ocorra (mas pode não ocorrer)*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento de caráter adverbial temporal.

(08) “Eu queria muito tê um filho, eu *esperei* dois anos de casada”. (PEUL/RJ, R01)

(09) “eu *espero* o momento de tá formado como engenheiro”. (PEUL/RJ, R07)

b) ***Esperar 2***: verbo pleno, parafraseável por *aguardar num local por alguém que certamente chegará*, incorporador de valor temporal. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento de caráter locativo.

(10) “Quando chegava minha mãe tava me *esperando* na porta”. (PEUL/RJ, R06)

c) ***Esperar 3***: verbo pleno, parafraseável por *aguardar no tempo por um evento que certamente ocorrerá*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento [± humano].

(11) “Olha, com uns quatro meses, eu tava na cama, ia ficá deitado até *esperá* o Daniel nascer”. (PEUL/RJ, R07)

d) **Esperar 4**: verbo pleno, parafraseável por *desejar*, *expressão de uma volição*. Admite sujeito e complemento oracional. Assume função preponderantemente volitiva.

(12) “**Espero** que no próximo milênio (est) todos se conscientizem disso e busquem o melhor”. (PEUL/RJ, R04)

(13) “**Espero** que seja melhor do que o antigo, porque se ensinava muito errado antigamente”. (PEUL/RJ, R07)

B) CATEGORIA DE VERBO AUXILIAR

e) **Esperar 5**: verbo auxiliar, parafraseável por *torcer para*, *ter esperança*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e v1 e v2 compartilham um único sujeito.

(14) “Eu **espero** continuar morando aqui”. (PEUL/RJ, R07)

(15) “Eu **espero** ser assim. Essa minha vontade de aprender”. (PEUL/RJ, R07)

C) CATEGORIA DE MARCADOR DISCURSIVO

f) **Esperar 6**: marcador discursivo conversacional, sem resquícios da categoria verbal, que pode articular a conversa, sinalizar a mudança de turno ou codificar o estranhamento do falante frente a uma situação ou informação. O sujeito é fixado na 2ª pessoa do discurso.

(16) “Pra você tê filho assim, e deixá com os outro. **Peraí**, minha mãe já me criou. Ainda vô deixa filho com os outro”. (PEUL/RJ, R01)

(17) “Eles botaram lá que pra uma mulher pentear uma peruca oito mil reais. Tu acha isso? **Peraí**, é brincadeira com a cara do povo”. (PEUL/RJ, R01)

Cada um desses padrões funcionais passa a integrar uma nova regra variável e concorre com itens de outros domínios funcionais, não mais admitindo a paráfrase original do verbo ‘*esperar*’. É uma das tarefas projetadas a identificação do espectro que compõe cada regra variável instaurada com esses desligamentos funcionais.

O estudo foi imprescindível para que reconhecêssemos peculiaridades do comportamento do verbo '*esperar*', servindo, portanto, como ponto de partida para o estudo sobre a variedade paulistana.

O PORTUGUÊS CULTO PAULISTANO

Esta seção é constituída pela reapresentação dos padrões funcionais, identificados a partir do dialeto carioca, agora no português culto falado na cidade de São Paulo.

A) CATEGORIA DE VERBO PLENO

a) *Esperar 1*: verbo pleno, parafraseável por *aguardar*, *torcer para*, *aguardar no tempo desejando que algo ocorra (mas pode não ocorrer)*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento de caráter adverbial temporal.

(18) “L2: ... que horas as crianças saem da escola?”

L1: eh :: umas saem umas cinco e meia *esperariam* as das seis

L2: ahn ahn

L1: então quer dizer que ... se fossem só os meus não teria problema é que eu levo ... ah ... ah filhas de ::: uma vizinha sabe? ... daria pra *esperar* um minutinho?” (NURC/SP, D2, 360, 1637-1648)

b) *Esperar 3*: verbo pleno, parafraseável por *aguardar no tempo por um evento que certamente ocorrerá*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento [± humano].

(19) “Doc.: e dá muito trabalho pra fazer esses pratos? como é que prepara?”

Inf.: bom esses pratos não são mu :: ito trabalhosos ... agora se você souber :: ... preparar a massa em casa ... se você quiser prepará-la mesmo ... então o negócio é fazer a massa ... e :: ir colocando na assadeira ... e :: com camadas de recheio ... e quando estiver bem arrumadinha com um molho de tomate ... por cima assim :: intercalado também ... *você põe no forno ... e espe :: ra a vontade de comer ...*” (NURC/SP, DID, 235, 229-251)

c) **Esperar 4**: verbo pleno, parafraseável por *desejar*, *expressão de uma volição*. Admite sujeito e complemento oracional. Assume função preponderantemente volitiva. Diferentemente do dialeto carioca, há aqui a predileção pela forma nominal do verbo, configurando uma oração reduzida de infinitivo.

(20) “L1: ... aquela fase ... chamada de ... mais difícil de crítica

[

L2: (chamada mais difícil)

L1: né?

L2: ahn ahn

L1: ainda não ... felizmente (ainda não) começaram

L2: ()

L1: agora ... eu acho que :: ... *eu ... espero não :: ter problema com elas* porque ... nós mantemos assim um diálogo bem aberto sabe?

L2: uhn uhn

L1: com as crianças ... então ... esperamos que não :: haja maiores problemas” (NURC/SP, D2, 360, 44-56)

d) **Esperar 7** : Verbo pleno, parafraseável por *ter expectativa de obter*, com um complemento sem preposição (objeto direto) e um complemento sem preposição oracional.

(21) “Doc.: e que profissões? que profissões elas exercem? desculpe a pergunta foi mal feita. Que profissões exercem essas pessoas?”

Inf.: essas profissões assim mais :: ... por exemplo balconista ... ou pessoas (o) que (eles) servem em restaurante entende? ... são essas profissões ... mais :: ... sem escolaridade que leva a isso né? que não exige da pessoa ... porque é uma coisa mais mecânica ... ela não tem que comunica :: r ... ela ... *então o pessoal inclusive não espera nada dela* ... não espera espera só atos mecânicos ... então é são essas profissões ...” (NURC/SP, DID, 251, 123-140)

B) CATEGORIA DE VERBO AUXILIAR

e) *Esperar 5*: Verbo auxiliar, parafraseável por *torcer para, ter esperança*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e v1 e v2 compartilham um único sujeito.

(22) “Doc.: escuta ... e quando você tem problema dentário você escolhe um :: dentista com uma determinada especialidade ou qualquer um serve?”

Inf.: eu ... pro / ... em geral a gente pro – cura um ... o dentista de quem a gente tem recomendação de :: recomendações de colegas ... ou de familiares ... o que seria o meu caso inclusive que frequento um dentista há mais de quinze anos porque ... me foi recomendado por pessoas ... ora não entro num consultório dentário ... qualquer *às vezes eu prefiro até suportar um pouquinho de dor ... esperando (que) chegar o meu dentista ... do que entrar em qualquer clínica* ...” (NURC/SP, DID, 251, 214-225)

C) CATEGORIA DE MARCADOR DISCURSIVO

f) *Esperar 8*: marcador conversacional de interrupção com resquícios da categoria verbal ainda, que pode articular a conversa, sinalizar a mudança de turno ou codificar o estranhamento do falante frente a uma situação ou informação. O sujeito é fixado na 2ª pessoa do discurso e o uso do verbo como marcador se diferencia do uso do verbo no

português popular carioca, surge, no português culto paulista, não a forma *perái*, e sim, as formas *espera* ou *espera aí*.

(23) “Inf.: em matéria de recurso técnico?

Doc.: tudo ... o recurso ... mesmo assim de ... no que diz respeito a estilo eh :: por aí afora

Inf.: então acho que :: o principal ... em matéria assim de espetáculo ... não só de teatro ... *pode ser um programa de televisão ... éh :: espé / por que novela de televisão faz sucesso?* ... porque ela tem personagens que :: você olhando na rua você vai encontrar ... com exceção do :: mocinho e da mocinha né? ...” (NURC/SP, DID,161, 375-378)

Na proposta apresentada, a tarefa de delimitar funções é ainda norteadada por dificuldades. Pelo fato de poderem mudar de acordo com o contexto discursivo em que se encontra, muitas vezes é difícil decidir qual é exatamente a função de um elemento discursivo.

Propomos levar em consideração as semelhanças, os pontos afins de cada função considerando que estas, às vezes, se sobrepõem e acabam por se confundir, pois “a mesma ocorrência de um marcador pode desempenhar mais de uma das funções que lhes são peculiares” (MARTELOTTA, 1998, p.66).

Os resultados obtidos do verbo ‘*esperar*’, tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista, apresentaram-se da seguinte forma:

♣ o verbo ‘*esperar*’, como um verbo pleno, surge, tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista, com o sentido de *aguardar*, admitindo sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento de caráter adverbial temporal;

♣ como verbo pleno, parafraseável por *aguardar num local por alguém que certamente chegará*, incorporador de valor temporal e complemento de caráter locativo, surgirá apenas no português popular carioca;

♣ parafraseável por *aguardar no tempo por um evento que certamente ocorrerá*, e admitindo sujeito de variadas pessoas gramaticais, com complemento mais ou menos humano, surge tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista;

♣ expressando volição, com sentido de *desejar*, com complemento oracional, também surge tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista;

♣ como verbo pleno, parafraseável por *ter expectativa de obter*, com um complemento sem preposição (objeto direto) e um complemento sem preposição oracional, ocorrerá somente no português culto paulista;

♣ ocorrerá, nos dois casos, como verbo auxiliar, parafraseável por *torcer para, ter esperança*, com v1 e v2 compartilhando um único sujeito, tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista;

♣ como marcador discursivo, surge, tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista. Foi percebida uma diferença muito significativa no uso do verbo *‘esperar’* como marcador, que, no português popular carioca surge com sua forma *peráí*, e, no português culto paulista, surge ou como *espera*, ou como *espera aí*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de deslizamentos funcionais de itens/estruturas mais ou menos lexicais permite a apreensão de rotas de gramaticalização nas línguas. É a partir disso que, apoia-

mo-nos em pressupostos teóricos do funcionalismo e da gramaticalização e investigamos os usos sincrônicos e diacrônicos do item ‘*esperar*’ no português culto de São Paulo.

As mudanças ocorridas no estatuto categorial do verbo ‘*esperar*’ – estatuto de verbo pleno > verbo auxiliar > volitivo > marcador discursivo – foram foco de interesse para esse estudo.

O entendimento do funcionamento do ‘*esperar*’ na língua falada culta de São Paulo, se deu com mais clareza a partir de uma revisão bibliográfica criteriosa e de uma análise cuidadosa dos dados apresentados. Foi percebido um problema de nomenclatura nas leituras feitas acerca do rótulo ‘marcador discursivo’, como também acerca do fenômeno em estudo ‘*espera aí*’.

Todos os autores mencionados, ou quase todos, denominam de marcadores discursivos, tanto elementos que têm funções textuais, como os que estão no âmbito da interação.

Acerca do funcionamento do elemento discursivo ‘*esperar* – *espera aí*’, apontamos padrões funcionais que julgamos pertinentes ao nosso estudo, de acordo com os contextos em que a forma em análise se insere, encontrados nos *corpora* apresentados.

O estudo Apresentado, com o *corpus* carioca, é considerado pertinente, pois demonstra as mudanças ocorridas com o fenômeno em estudo, também em língua falada no português popular.

Mesmo sabendo que os limites para o estabelecimento de uma ou outra função não são estanques, acreditamos ser válido mostrar que, dependendo do contexto de fala o ‘*esperar* – *espera aí*’ é usado de forma diferenciada, de acordo com as necessidades dos falantes.

Pôde ser percebido que, falantes cultos também se utilizam de marcadores discursivos, como ‘*espera aí*’. Visto também que, mulheres e homens jovens se utilizam de tal fenômeno com maior frequência.

Foi constatado que, o fenômeno em estudo, é muito pouco utilizado mesmo em sua forma de verbo pleno, ‘*espero*’, ‘*esperamos que*’. Levando-nos a hipotetizar que, tal fenômeno, por não ser muito freqüente, seja mais freqüente na língua falada dita popular ou na língua falada culta utilizada por jovens de uma maneira geral. Já que, falantes mais velhos utilizam – se mais de correlatos, como o ‘aguardar’.

A pesquisa nos leva a refletir que, o marcador discursivo ‘*espera aí*’ se caracteriza por possuir um escopo mais alargado nas funções de esclarecedor, explicativo, um articulador textual retificador e até mesmo como um preenchedor de pausa.

Do ponto de vista teórico, o paradigma da gramaticalização necessita ser mais explorado como percurso de mudança lingüística. Igualmente do ponto de vista prático, mais elementos lingüísticos precisam ser analisados, testando e sedimentando o aparato teórico envolvido.

Referências Bibliográficas

BYBEE, Joan & HOPPER, Paul. *Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure*. In: BYBEE, Joan & HOPPER, Paul (eds). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de & PRETI, Dino (organizadores). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Projeto Norma Urbana Culta de São Paulo. *Elocuções formais*. Volume I. São Paulo, 1986.

_____. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Projeto Norma Urbana Culta de São Paulo. *Diálogos entre dois informantes*. Volume II. São Paulo, 1986.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de & PRETI, Dino (organizadores). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Projeto Norma Urbana Culta de São Paulo. *Diálogos entre dois informantes*. Volume II. São Paulo, 1986.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (organização). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B. *et al.* *From cognition to grammar: evidence from African languages*. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991. (1991a)

HOPPER, Paul. *Emergent grammar*. Berkeley Linguistic Society, v. 13, 1987.

_____. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: Chicago Press, 1991 (1991b).

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MARTELOTTA, M. E. *Marcadores discursivos e operadores argumentativos*. In: VOTRE, S.; MARTELOTTA, M. E. (ORG). *Trajetórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro, 1998.

MEILLET, A.. *L' évolution des formes grammaticales*. In: A. MEILLT. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, [1912], 1965.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A gramaticalização dos verbos passar e deixar*. Revista da ABRALIN. Volume VI. Número I. Janeiro/Junho de 2007.

<http://www.usp.br/iea>

<http://www.ufirj.br/peul>